

5. Considerações finais

És menina do astro sol,
És rainha do mundo mar
Teu luzeiro me faz cantar
Terra, Terra és tão estrelada
O teu manto azul comanda
Respirar toda criação
E depois que a chuva molha
Arco-íris vem coroar
A floresta é teu vestido
E as nuvens, o teu colar
És tão linda, ó minha Terra
Consagrada em teu girar
Navegante das solidões
No espaço a nos levar
Nave mãe e o nosso lar
Terra, Terra és tão delicada
Os teus homens não tem juízo
Esqueceram tão grande amor
Ofereces os teus tesouros
Mas ninguém dá o teu valor
Terra, Terra eu sou teu filho
Como as plantas e os animais
Só ao teu chão eu me entrego
Com amor, firmo tua paz.¹⁶⁵

Esta pesquisa foi elaborada no contexto da crise, aceitando os desafios que ela representa e as chances que oferece. Uma convicção subjaz todo esse trabalho: a crise, por certo, contém muitos riscos, mas também muitas oportunidades. O cenário não deve ser encarado com pessimismo, ao contrário, trata-se de um momento de libertação. Muitos vislumbram o agravamento da crise no futuro: destruição ecológica, fome, desordem civil e limitações materiais; poucos têm uma visão positiva do futuro. Porém, não podemos construir conscientemente um futuro que não conseguimos imaginar. Uma primeira exigência seria, então, criar, para nós mesmos, uma visão motivadora e estimuladora de futuro que possa ser expressa de forma simples. Se nossa imagem coletiva do futuro for fraca e fragmentada, nossa capacidade de criar um futuro a partir de uma ação conjunta será restringida.

Atualmente, o mundo está à deriva, faltando-lhe uma imagem motivadora e convincente do futuro. Precisamos descobrir a história que resuma o próximo estágio de nosso processo evolutivo e que atue como um catalisador para a nossa energia e entusiasmo. Precisamos ter consciência de que a vida é mais do que a

¹⁶⁵ Música Estrelada de Milton Nascimento.

mera sobrevivência, de que temos uma meta como espécie e de que estamos fazendo mais do que simplesmente subsistir: trabalhamos no sentido de nos superar e evoluir. Embora tenhamos poucas imagens positivas do futuro, não deveríamos nos sentir desencorajados. O presente trabalho busca ser uma indicação libertária de visualização criativa de novas possibilidades para a humanidade, sobretudo no que diz respeito à interação do ser humano com a natureza. Optamos por participar na cura de nosso mundo, nos mobilizar em torno desta “Grande Virada” como nos ensina Macy.¹⁶⁶

Acreditamos que a visão de mundo sugerida pelo paradigma moderno - analisada no primeiro capítulo deste trabalho - esteja em declínio, vez que não reflete o harmonioso estado de inter-relacionamento que se pode observar na natureza. Instituiu-se através da visão de mundo consubstanciada por este paradigma a ditadura da razão instrumental. O paradigma moderno sustenta que o único acesso legítimo ao real se opera através das ciências, assim, qualquer outra forma de apreender a realidade é desclassificada como anacrônica ou meramente subjetiva.

Vai-se mais longe: a ciência vem transformada numa fórmula técnica mediante a qual se domestica a natureza. Descartes definira, em seu *Discurso do Método*, a meta para a atividade racional que consistiria em fazer do ser humano o senhor e possuidor da natureza. Bacon é ainda mais explícito ao escrever que o saber e o poder existem para “amarrar a natureza a teu serviço e fazê-la tua escrava”.¹⁶⁷ Está aqui formulada a lógica perversa da agressão sistemática em nome da modernidade técnico-científica à natureza e a todos os seres e ecossistemas.

Em consequência desta visão de mundo, entramos em contato com os limites de uma hecatombe ecológica. Urge fazer uma parada. A estratégia que se atém a uma ecologia técnica (diminuir os níveis de agressão à Natureza) ou a uma ecologia política (prestar atenção, nos projetos de desenvolvimento, às questões do meio ambiente) não responde eficazmente à gravidade da crise. Importa desembocar em uma ecologia radical tal como nos sugerem os novos saberes ecológicos aqui analisados (Ecologia Profunda, Ecofeminismo e Ecologia Social).

¹⁶⁶ MACY, J. BROWN, M. Y. *Nossa vida como gaia: práticas para reconectar nossas vidas e nosso mundo*. São Paulo: Gaia, 2004.

¹⁶⁷ BACON, F. *Novum Organum*. Madrid: Nueva Biblioteca Filosófica.

Através da ecologia radical questionamos o paradigma moderno, denunciando sua voracidade e propomos a elaboração de uma alternativa social na linha de um novo acordo do ser humano com a natureza, onde há de vigorar a ética do cuidado.

Essa ecologia aqui chamada de radical deixa pra trás o antropocentrismo ao elaborar as relações a partir da unidade fundamental do todo. O ser humano vem compreendido em sua solidariedade e em comunhão com o conjunto dos seres. A partir dessa percepção, podemos elaborar uma nova ética, do reconhecimento da alteridade de cada ser da criação em uma espécie de re-encantamento do mundo. Os seres da criação são concidadãos junto com os humanos. O que se prepõe, portanto, tem como pano de fundo a ideia de uma espiritualidade que concilia o ser humano com o universo. O ser humano não é entendido como a coroa da criação, mas sim um irmão e uma irmã das estrelas (como nos falou São Francisco de Assis).¹⁶⁸

A boa notícia é que a urgência do desastre ecológico em nível planetário mobiliza cada vez mais as sociedades mundiais a encontrar saídas. Lentamente parece surgir uma cultura ecológica de comportamentos e práticas incorporados numa visão holística de mundo que têm como efeito mais suavidade e benevolência na relação com a natureza, a qual forma conosco um todo orgânico. A natureza não está só fora, mas também dentro de nós. Pertencemo-nos mutuamente: qualquer agressão à Terra significa uma agressão aos seus filhos e filhas. A Mãe-Terra (Pachamama para as culturas andinas) se alegra com a revolução cordial e benevolente que está em curso e que este trabalho propaga através do exemplo das comunidades sustentáveis.

Cenários facilitadores à vida na Terra vêm germinando suas sementes. Cresce dia a dia o número daqueles que se entendem dentro de uma perspectiva holística e integral da existência humana. Procuram descobrir em si as várias dimensões do mistério da vida e os níveis de profundidade da indagação humana. Identificam aí os grandes sonhos e visões de um novo mundo e de relações humanas e sociais mais benevolentes e amorosas que povoam nosso imaginário e que, de tempos em tempos, incendeiam nossos corações.

¹⁶⁸ Cântico das Criaturas – inserido na Introdução da presente pesquisa.

O trabalho apresentado propaga a urgência de se viver imbuídos de uma atitude ecológica radical. Procura dilatar os limites do coração, abrindo horizontes para a esperança e utopia da criação de um mundo re-encantado, de um ser humano mais terno e fraterno com todos os demais seres da criação. Urge começarmos nossas revoluções. Começemos por nós mesmos. Com isso, definimos a direção certa. Nela há esperança e vida para todos os seres e para a Terra. Enfim, busca-se impulsionar horizontes de liberdade criativa a desenhar um futuro mais acolhedor, amoroso e justo.